

## A Guerra do Paraguai ou Guerra Guasu: Conteúdo, imagens e sujeitas/os nas Coleções Didáticas de História do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/2024, Brasil)

The War of Paraguay or War Guasu: content, images and subjects in the History Didactic Collections of the National Book and Teaching Material Program (PNLD/2024, Brazil)

 ANA PAULA SQUINELO

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Mato Grosso do Sul, Brasil)

[ana.squine@ufms.br](mailto:ana.squine@ufms.br)

 VERA LÚCIA NOWOTNY DOCKHORN

Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso (Cuiabá, Brasil)

[vera.dockhorn@edu.mt.gov.br](mailto:vera.dockhorn@edu.mt.gov.br)

 YARA KAROLINA SANTANA DE MATTOS MESSIAS

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (Campo Grande, Brasil)

[yaraksm@gmail.com](mailto:yaraksm@gmail.com)

**Resumo:** Apresentamos uma análise do conteúdo Guerra do Paraguai/Guasu em Manuais Didáticos brasileiros de História, do 8º ano do ensino fundamental, aprovados pelo *Programa Nacional do Livro e do Material Didático* (PNLD-2024). Trata-se dos Manuais que serão distribuídos e utilizados em salas de aula, no período de 2024 e 2028 em todo Brasil. Dessa forma, analisamos 8 Coleções Didáticas de História aprovadas pelo PNLD/2024. Investigamos, portanto, o conteúdo Guerra do Paraguai/Guasu, centralizando nossa análise em quais imagens foram utilizadas e com qual objetivo; se os conteúdos abordam a presença e participação das/os diferentes sujeitas/os no conflito, qual importância é dada a elas/es e qual é a vertente historiográfica predominante sobre

Recibido: 14 de mayo de 2024; aceptado: 26 de agosto de 2024; publicado: 30 de septiembre de 2024.

Revista Historia Autónoma, 25(2024), pp.259-279.

e-ISSN: 2254-8726; <https://doi.org/10.15366/rha2024.25.009>



a Guerra. Assim, essa pesquisa nos permite compreender também como o conflito tem sido abordado no meio acadêmico e, simultaneamente como se deslocam para os Manuais Didáticos brasileiros de História.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai/Guasú; Coleções Didáticas de História; Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/2024); Brasil; Paraguai.

**Abstract:** We present an analysis of the content of the War of Paraguay/Guasú in Brazilian History Textbooks, from the 8th year of elementary school, approved by the Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD-2024). These are the Manuals that will be distributed and used in classrooms, between 2024 and 2028 throughout Brazil. In this way, we analyzed 8 History Didactic Collections approved by PNLD/2024. We therefore investigated the Paraguay/Guasú War content, focusing our analysis on: which images were used and for what purpose; if the content addresses the presence and participation of different subjects in the conflict, what importance is given to them; and, what is the predominant historiographical aspect of the War. Thus, this research allows us to understand how conflict has been approached in academic sphere and, simultaneously, how these approaches are reflected in Brazilian History textbooks.

**Keywords:** Paraguay War/Guasú War; Didactic History Collections; Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD/2024); Brazil; Paraguay.

## 1. Introdução

Ao que se refere à Guerra do Paraguai/Guasú<sup>1</sup> e o que denominamos de historiografia didática, um rápido levantamento bibliográfico permite-nos afirmar, com certa segurança, que desde fins do século XIX, quando do seu término, o conteúdo Guerra do Paraguai/Guasú tem feito parte das preocupações de pesquisadoras/es de distintas áreas do saber e que se dedicam ao estudo das narrativas didáticas, em especial as de História.

<sup>1</sup> Cabe esclarecer que: “Uma das questões que comumente nos questionam é a relacionada a nomenclatura que nomeia o conflito. No Brasil oficialmente o termo utilizado ainda é Guerra do Paraguai: em documentos oficiais, em projetos governamentais, nos livros didáticos de história, em projetos culturais, nas obras memorialistas, em parte das obras acadêmicas, nos documentos curriculares educacionais, é a mais utilizada. Ao nosso ver a Guerra não foi só “do Paraguai”, mas também não “foi só da Tríplice Aliança”, nesse sentido como trabalhamos com uma ampla documentação optamos por utilizar a expressão Guerra do Paraguai/Guasú no intuito de dialogar numa perspectiva mais ampla e múltipla, sendo assim Guerra do Paraguai e *Guasú* serão utilizadas como sinônimos e, ressaltamos ainda que *Guerra Guasú* é uma das formas mais utilizadas no Paraguai. Entretanto não podemos deixar de advertir ao/a leitor/a que o conflito é nomeado de inúmeras formas: Guerra do Paraguai, Guerra *Guasú*, Guerra da Tríplice Aliança, Guerra Grande, Grande Guerra, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra dos 1870, e, que a opção por uma das terminologias não nos exige de problematizar e contextualizar a mesma, tendo em vista que a própria denominação do conflito ‘é alvo de inúmeras manipulações, divergências e disputas político-ideológicas e por si só já mereceria ser objeto de pesquisas’ (Dockhorn e Squinelo, 2021, p. 13) [...]”; Squinelo, Ana Paula e Marin, Jerri Roberto, “A ocupação de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasú: antecedentes, conflitos, cotidiano e desfecho”, in Baller, Leandro e Leite, Eudes (coords.), *Fronteiras e Histórias - A centralidade das margens e os usos do passado*, Curitiba, CRV, 2023, p. 249.

A Guerra do Paraguai/Guasu, considerada o maior conflito armado latino-americano ocorrido entre fins de 1864 e início de 1870, no qual se envolveram Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai ao longo dos séculos, foi alvo de diversas e diferenciadas análises produzidas por pessoas que protagonizaram o conflito, sujeitos que observaram/vivenciaram o conflito, militares, jornalistas, historiadores/as, economistas, sociólogos/as, antropólogos/as, entre outros/as.

Tais análises influenciaram em maior ou menor medida as narrativas produzidas para os Livros Didáticos<sup>2</sup> de História e propagados por esses, formando gerações de crianças, adultos e jovens. Em especial abordamos o contexto brasileiro, mas tal cenário verifica-se também nos demais países envolvidos na contenda.

Nesse sentido, propomos nesta investigação analisar parte das Coleções Didáticas de História aprovadas pelo Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)<sup>3</sup> pertinente ao ano de 2024. O PNLD é responsável pela distribuição gratuita de livros escolares para todas/os as/os alunas/os da escola pública brasileira, efetivamente matriculadas/os na Educação Básica. As Coleções Didáticas fornecidas pelo PNLD são amplamente utilizadas nas escolas públicas e são a principal ferramenta no processo de ensino e aprendizado na maioria das instituições de ensino. Portanto, seus conteúdos incluindo textos, imagens e atividades, contribuem para a formação intelectual, assim como, a construção de memórias de grande parte dos/as indivíduos/as.

O PNLD/2024 para as Séries Finais do Ensino Fundamental aprovou 14 (quatorze) Coleções Didáticas de História, e destas selecionamos 8 (oito) Coleções para a efetivação desta pesquisa. Para a análise dos manuais didáticos como fonte e objeto de pesquisa, assim como a compreensão de que o livro didático é um produto multifacetado, apoiamos nossa investigação nos estudos de Choppin<sup>4</sup>, Cuesta Fernández<sup>5</sup> e Jörn Rüsen<sup>6</sup> e ao que tange ao livro didático de história em especial, foram relevantes os estudos de Ferro<sup>7</sup>, Bittencourt<sup>8</sup> e Squinelo<sup>9</sup>. Ressalta-

<sup>2</sup> Livro Didático ou Coleção Didática é a terminologia mais utilizada no Brasil, entretanto ressaltamos que são sinônimos os termos *livros escolares*, compêndios didáticos, narrativas didáticas e manuais didáticos.

<sup>3</sup> O PNLD compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do país. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas, sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolas beneficiadas. BRASIL. Decreto n.º 9.099/2017 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Brasília, 18 de julho de 2017.

<sup>4</sup> Choppin, Alain, “História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte”, in *Educação e Pesquisa*, Vol. 30, 3 (2004), pp. 549-566.

<sup>5</sup> Cuesta Fernández, Raimundo, *Sociogénesis de una disciplina escolar: la historia*, Pomares-Corredor, Barcelona, 1997 (version electrónica de 2009).

<sup>6</sup> Rüsen, Jörn, “O livro didático ideal”, in Schimidt, Maria Auxiliadora et al., (coords.), *Jörn Rüsen e o ensino de história*, Curitiba, Ed. UFPR, 2010, pp. 109-127.

<sup>7</sup> Ferro, Marc, *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*, São Paulo, Ibrasa, 1983.

<sup>8</sup> Bittencourt, Circe Maria Fernandes, “Produção Didática de História: trajetórias de pesquisas”, in *Revista de História*, 164 (2011), pp. 87-516; Bittencourt, Circe (coord.), *O saber histórico na sala de aula*, 12 ed. 3ª reimpressão, São Paulo, Contexto, 2017.

<sup>9</sup> Squinelo, Ana Paula, “Concepções Historiográficas e Ensino de História: a Guerra do Paraguai nas Coleções Didáticas Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania (PNLD 2014)”, *Diálogos*, Vol. 19, 3 (2015),

se que embora tenhamos conhecimento acerca das contribuições do estudioso Jörn Rüsen a respeito das questões pertinentes a consciência histórica e suas dimensões no processo de ensino-aprendizagem não é nosso propósito tal abordagem nessa investigação.

Selecionadas as Coleções Didáticas centramos a análise na compreensão de algumas categorias, a saber: como as narrativas didáticas explicam os antecedentes e os resultados do conflito em tela; se as Coleções Didáticas apresentam o debate historiográfico acerca do tema; e quais as imagens —escritas e visuais— são apresentadas sobre as sujeitas e os sujeitos envolvidas/os no conflito e, por fim, quais as fontes foram incorporadas ao conteúdo Guerra do Paraguai/Guasú.

Ressaltamos que a pesquisa que apresentamos é original e inédita, tendo em vista a análise sobretudo de um documento recente que é o PNL D do ano de 2024, além do fato de debruçar-se sobre a questão da análise da presença das sujeitas e dos sujeitos invisibilizadas/os, ocultadas/os e silenciadas/os nas narrativas didáticas de história sobre o conteúdo Guerra do Paraguai/Guasú.

## 2. A Historiografia da Guerra do Paraguai/Guasú: em tela a perspectiva brasileira

A Guerra do Paraguai/Guasú, como afirmado anteriormente, começou a ser divulgada por meio de escritos logo após o seu término e, ao longo do século XX, foi alvo de intensos debates historiográficos acerca de suas construções e interpretações nos distintos países que vivenciaram a contenda e, também, em países externos ao conflito. Verifica-se que tais debates se mantêm até os dias atuais, movimentando o mercado editorial latino quanto ao tema. Em linhas gerais, podemos identificar, no Brasil, três momentos historiográficos que marcaram a referida produção sobre a temática. Destacamos que esse movimento se dá de forma distinta no Paraguai, por exemplo, mas, tendo em vista o espaço para essa reflexão, enfocaremos os momentos que marcaram a produção brasileira.

A primeira versão, que convencionalmente denominamos de *Patriótica*, caracteriza-se pelos escritos gestados durante e em seguida ao pós-guerra e elaborados por protagonistas ou não do conflito, assim como por militares e civis e caracterizaram-se por apresentarem em suas narrativas um forte viés militar, enfatizando os episódios e batalhas ocorridas, como também privilegiando datas e fatos e valorizando a “vitória brasileira” e seus heróis em detrimento da

derrota paraguaia. São exemplos as obras de Cerqueira<sup>10</sup>, Rebouças<sup>11</sup>, Taunay<sup>12</sup> e Constant<sup>13</sup>; os três sujeitos, cada qual em seu tempo e contexto, protagonizam como militares o conflito platino e legaram à posteridade suas impressões sobre aquele que se tornaria o maior e mais sangüinário conflito vivenciado na América Latina. Tal vertente marcou a escrita da história e das narrativas didáticas de história até meados da década de 1960, o que não significa afirmar que não temos resquícios ainda dessa produção, inclusive no que tange aos manuais didáticos.

O segundo momento historiográfico, intitulado de *Imperialista* ou *Revisionista*, exerceu significativo impacto na América Latina a partir da publicação da obra *La Guerra del Paraguay - Gran Negócio!* de Pomer<sup>14</sup>, publicada em 1968 e, no Brasil, a partir do lançamento do livro *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai* de Chiavenato<sup>15</sup>, ocorrida no ano de 1979. Esse contexto foi marcado pela influência “marxista” e por um apelo contrário ao imperialismo inglês no Prata, atingindo seu ápice na década de 1970, em meio às ditaduras civis militares que se impuseram na América Latina. *Genocídio Americano* propagou uma visão sobre a Guerra do Paraguai/Guasú influenciada por um viés “marxista”, anti-imperialista e antianglicano. O conflito, de acordo com este autor, teria ocorrido por interesses econômicos na região platina, especificamente em relação à nação paraguaia. A Inglaterra, que se destacava no cenário mundial, naquele contexto via no Paraguai um entrave para sua expansão e consequente dominação na América Latina.

A terceira vertente historiográfica nomeamos de *Neorrevisionista*. O eixo interpretativo imperialista sobre a Guerra sofreu uma reconfiguração em meados da década de 1980, fruto entre outras questões da instrumentalização do ofício de historiador no Brasil. O domínio efetivo das “ferramentas” do trabalho do/a historiador/a, aliadas à exaustiva pesquisa e análise documental, assim como o acesso a novas fontes e abordagens no processo investigativo e a emergência de novas/os sujeitas/os e problemas, proporcionaram uma ebulição dos estudos sobre a Guerra do Paraguai/Guasú.

Nessa seara, Bandeira, em sua obra *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: da consolidação à Guerra da Tríplice Aliança*<sup>16</sup>, foi o primeiro autor a problematizar o eixo explicativo economicista relacionado à Guerra. Para Bandeira, a origem do conflito estava intrinsecamente relacionada à dinâmica do Prata: os problemas e conflitos existentes relacionados, sobretudo a demarcação de fronteiras e livre navegação dos rios entre

<sup>10</sup> Cerqueira, Dionísio, *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, Coleção General Benício, Vol. 179, 499 (1980).

<sup>11</sup> Silva Dias, Maria Odila, *André Rebouças diário a guerra do Paraguai 1866*, São Paulo, EDUSP, 1973.

<sup>12</sup> Taunay, Alfredo d'Escagnolle, *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*, Tradução e Organização de Sérgio Medeiros, São Paulo, Companhia das Letras, 1997 (Retratos do Brasil).

<sup>13</sup> Lemos, Renato, *Cartas da Guerra. Benjamin Constant na campanha do Paraguai*, Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos, Rio de Janeiro, IPHAN-Museu Casa Benjamin Constant, 1999.

<sup>14</sup> Pomer, León, *La guerra del Paraguay: gran negocio!*, Buenos Aires, Ediciones Calden, 1968.

<sup>15</sup> Chiavenato, Júlio José, *Genocídio americano: A Guerra do Paraguai*, São Paulo, Moderna, 1998 (Coleção Polêmica).

<sup>16</sup> Bandeira, Moniz, *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: da consolidação à Guerra da Tríplice Aliança*, 2 ed., São Paulo, Ensaio, Brasília UNB, 1995.

as nações platinas recém-formadas, eram suficientes para a eclosão do conflito. Alinhados a essas perspectivas muitos/as investigadores/as de diferentes áreas do saber se debruçaram sobre o tema, como já afirmado, a partir de novos objetos, sujeitos e sujeitas, metodologias, enfoques e abordagens. Velhos temas foram revisitados e outros vieram à baila; diferenciadas/os sujeitas/os foram visibilizadas/os, ganhando um protagonismo no cenário do conflito em questão. Nessa perspectiva, as análises sobre a Guerra romperam e superaram os tradicionais vieses militar e diplomático.

Autores/as e trabalhos como os de: Salles<sup>17</sup>, Marques<sup>18</sup>, Sousa<sup>19</sup>, Costa<sup>20</sup>, Toral<sup>21</sup>, Doratioto<sup>22</sup>, Dourado<sup>23</sup>, Izecksohn<sup>24</sup>, Schwarcz<sup>25</sup>, Squinelo<sup>26</sup>, Telesca e Squinelo<sup>27</sup>, entre outros, analisaram a Guerra a partir de outras perspectivas e olhares: a formação do exército imperial; a participação dos escravizados no exército; as imagens da Guerra (fotografias, quadros, pinturas, desenhos, litografias, charges, caricaturas etc); papel da imprensa; cinema; cotidiano; comércio; medicina (doenças, enfermarias, hospitais de sangue); desertores e prisioneiros de guerra, tanto brasileiros, como paraguaios; literatura; a participação de mulheres, indígenas, religiosos e crianças etc.

Vale destacar que no Brasil as últimas décadas foram marcadas por um novo despertar de um interesse renovado sobre a temática Guerra, resultando na produção de pesquisas no âmbito de Mestrado e Doutorado em diferentes áreas do saber, na organização de Dossiês temáticos, artigos e coletâneas, assim como várias obras foram trazidas a lume. Vale registrar as publicações de: Carvalho<sup>28</sup>, Dockhorn e Squinelo<sup>29</sup>, Ferreira, Loureiro e Arias Neto<sup>30</sup>, Núñez<sup>31</sup>,

<sup>17</sup> Salles, Ricardo, *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990; Salles, Ricardo, *Guerra do Paraguai: Memórias e Imagens*, Apresentação, Lilia Moritz Schwarcz. Edições Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2003.

<sup>18</sup> Magalhães Marques, Maria Eduarda Castro (coord.), *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, 2 ed. rev, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

<sup>19</sup> Sousa, Jorge Prata de, *Escravidão ou morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*, Rio de Janeiro, Mauad, Adesa, 1996.

<sup>20</sup> Costa, Wilma Peres, *A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do império*, São Paulo, Editora Hucitec, Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>21</sup> Toral, André de, *Imagens em Desordem - a iconografia da Guerra do Paraguai*, São Paulo, Humanitas FFLCH/USP, 2001.

<sup>22</sup> Doratioto, Francisco, *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*, 2 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

<sup>23</sup> Garritano Dourado, Maria Teresa, *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai*, Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2005.

<sup>24</sup> Izecksohn, Victor, *Duas Guerras na América: Raça, Cidadania e Construção do Estado nos Estados Unidos e Brasil (1861-1870)*, São Paulo, Alameda Editorial, 2021.

<sup>25</sup> Schwarcz, Lilia Moritz, *A Batalha do Avaí. A beleza da barbárie: a Guerra do Paraguai pintada por Pedro Américo*, Rio de Janeiro, GMT Editores, 2013.

<sup>26</sup> Squinelo, Ana Paula (coord.), *150 Anos Após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai (2 Vol.)*, Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2016.

<sup>27</sup> Squinelo, Ana Paula e Ignacio Telesca (coords.), *150 Anos Após - A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, Vol. 3*, Campo Grande, MS, Life Editora, 2019.

<sup>28</sup> Carvalho, José Murilo de, *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, voluntária da morte*, São Paulo, Chão Editora, 2019.

<sup>29</sup> Dockhorn, Vera Lúcia Nowotny e Squinelo, Ana Paula, *Oficinas de História: Temas para o ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso*. EdUFMT, Cuiabá, 2021.

<sup>30</sup> Ferreira, Leonardo da Costa et al., *O legado de Marte: olhares múltiplos sobre a Guerra do Paraguai*, Curitiba, Appris, 2021.

<sup>31</sup> Núñez, Ronald León, *A Guerra contra o Paraguai em debate*, São Paulo, Ed. Sundermann, 2021.

Squinero, Segatto, Quinteros e Dockhorn<sup>32</sup>, Nunes<sup>33</sup>, Doratioto<sup>34</sup>, Squinero e Marin<sup>35</sup>, Quinalha e Squinero<sup>36</sup>. Embora essa investigação tenha como perspectiva a historiografia brasileira acerca da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, não ignoramos o fato de que no Paraguai nas últimas décadas a historiografia acerca do tema tem sido (re)visitada por historiadores/as, sociólogos/as, antropólogos/as, entre outras áreas e, vale pontuar as obras de: Potthast<sup>37</sup>, Capdevilla<sup>38</sup>, Rodríguez Alcalá<sup>39</sup>, Telesca<sup>40</sup>, Barreto Valinotti<sup>41</sup> e Fuentes Armadans<sup>42</sup>.

### 3. A Guerra do Paraguai/Guasu e os estudos dos Manuais Didáticos de História

Passados mais de 150 anos da eclosão e término do conflito, como já afirmado, o evento foi alvo de inúmeras e diferenciadas (re) interpretações, seja pela produção das escritas de si (memórias, cartas, reminiscências, diários), pelas obras históricas e historiográficas sobre o tema, seja pela produção de uma historiografia didática que se debruçou sobre este assunto. Conforme dito anteriormente, muitos memorialistas, militares ou não, elaboraram suas interpretações sobre aquele passado histórico. Tais interpretações influenciaram em grande medida a produção didática sobre o tema. No Brasil, por exemplo, os manuais didáticos de Macedo<sup>43</sup> e de Pombo<sup>44</sup> divulgaram amplamente imagens sobre o conflito guarani. O fim do século XIX e o “longo século XX” foram marcados, portanto, por duas questões, a saber: a produção de manuais didáticos que veicularam determinada ideia sobre o Paraguai e, ao mesmo

<sup>32</sup> Squinero, Ana Paula et al., (coords.), *O que aprendemos sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Narrativas, leituras e subalternidades*, Campo Grande, MS, Life Editora, 2022.

<sup>33</sup> Leonam, Lauro Nunes da Silva, *A Bolívia e seu Protagonismo na Guerra Grande (1865-1868)*, Vol. 1, 1 ed. Curitiba, PR, Editora Appris, 2021.

<sup>34</sup> Doratioto, Francisco (coord.), *Memórias de Dorothee Duprat de Lasserre: relato de uma prisioneira na Guerra do Paraguai (1870)*, São Paulo, Chão Editora, 2023.

<sup>35</sup> Squinero, Ana Paula e Jerri Roberto Marin, “A ocupação de Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu: antecedentes, conflitos, cotidiano e desfecho”, in Baller, Leandro e Eudes Leite (coord.), *Fronteiras e Histórias - A centralidade das margens e os usos do passado*, Curitiba, CRV, 2023.

<sup>36</sup> Oliveira, Geovana Quinalha e Ana Paula Squinero, “Guerras, invisibilização, protagonismo e resistência feminina no romance Cunhataí”, in *Revista Estudos Feministas*, 31 (2023), pp. 1-14.

<sup>37</sup> Potthast, Jutkelt Bárbara, “Paraiso de Mahoma” o “El País de las Mujeres”? Asunción: Litocolor SRL, 1996.

<sup>38</sup> Capdevila, Luc, *Uma guerra total: Paraguay, 1864-1870: ensayo de historia del tiempo presente*, 1. ed., Buenos Aires, Editorial SB, 2010.

<sup>39</sup> Rodríguez Alcalá, Guido (coord.), *Residentas, destinadas y traidoras: testimonio de mujeres de la Triple Alianza*, Asunción, Paraguay, Servilibro, 2011.

<sup>40</sup> Telesca, Ignacio (coord.), *Historia del Paraguay*. Paraguay, Taurus, 2010.

<sup>41</sup> Barreto Valinotti, Ana, *Las mujeres*, Asunción, El Lector, 2013 (Colección 150 años de la Guerra Grande); Barreto Valinotti, Ana e Cordal, Silvia, *La niña que vivió para contarlo*, Asunción, Grupo Editorial Atlas, 2020 (Colección: Protagonistas de la Guerra Guasu).

<sup>42</sup> Fuentes Armadans, Claudio, *Acosta Ñu - relato de una tragedia*. Asunción, Grupo Editorial Atlas, 2021.

<sup>43</sup> Macedo, Joaquim Manoel de, *Lições de historia do Brazil, para uso dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro Segundo*, Rio de Janeiro, Tipografia Imparcial de J.M.N. Garcia, 1861.

<sup>44</sup> Pombo, Rocha, *Nossa pátria*, Rio de Janeiro, 1917; Pombo, Rocha, *História do Brasil*, Revista e atualizada por Hélio Vianna, 9 ed., São Paulo, Melhoramentos, 1960.

tempo, uma produção que se dedicou e se dedica a compreender essas narrativas didáticas sobre o conflito.

Nessa seara, investigações com várias abordagens e olhares foram e continuam sendo realizadas, das quais citamos as que consideramos pertinentes no âmbito desta investigação: em relação aos estudos sobre manuais didáticos de história na perspectiva da história comparada, no caso Brasil e Paraguai, vale ressaltar as análises de Squinelo<sup>45</sup> e Salles<sup>46</sup>; no que se refere às pesquisas sobre manuais didáticos de história brasileiros e à Guerra sob diferenciadas perspectivas no âmbito do Ensino Fundamental II, citamos como exemplo os estudos de Squinelo<sup>47</sup> e, no âmbito do Ensino Médio, vale destacar as reflexões de Araújo<sup>48</sup> e Dockhorn<sup>49</sup>. Sobre a questão dos/as protagonistas invisibilizados/as e silenciados/as no contexto da Guerra, vale a pena conferir a pesquisa de Dockhorn<sup>50</sup> e, por fim, sobre investigações que produziram materiais objetivando subsidiar o trabalho do/a professor/a em contexto do ensino da educação básica, citamos: Mattos Messias<sup>51</sup>. Sobre as narrativas didáticas no contexto das comemorações dos 150 anos do conflito, registram-se os estudos de Squinelo<sup>52</sup>. Em diálogo com investigadores/as do Prata e ainda no que se refere à historiografia didática concernente à Guerra do Paraguai/Guerra Guasu, cabe menção aos seguintes estudos: do uruguaio Sansón Corbo<sup>53</sup>, do argentino Telesca<sup>54</sup> e, por fim, do paraguaio Velázquez Seiferheld<sup>55</sup>. Dessa forma, os deslocamentos

<sup>45</sup> Squinelo, Ana Paula, *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... Ensino, memória e história de um conflito secular*, Campo Grande-MS, 2002.

<sup>46</sup> Salles, André Mendes, *O conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e na fala de professores de história de escolas da educação básica, no Brasil e no Paraguai*, Universidade Federal de Pernambuco, Tese de Doutorado, 2017.

<sup>47</sup> Squinelo, Ana Paula, *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*, Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2015.

<sup>48</sup> Araújo, Tiago de, “Um conflito e seus manuais: a guerra do Paraguai (1864-1870) no PNLD-EM (2018-2020)”, in Squinelo, Ana Paula (coord.), *Livro didático e paradidático de História em tempos de crise e enfrentamento: sujeitos, imagens e leituras*, Campo Grande, MS, Life Editora, 2020, pp. 413-437.

<sup>49</sup> Dockhorn, Vera Lúcia Nowotny, “A Guerra do Paraguai: historiografia e imagens nas coleções didáticas História Global, História Sociedade & Cidadania e História (PNLD 2018)”, in Squinelo, Ana Paula (coord.), *Livro didático e paradidático de História em tempos de crise e enfrentamento: sujeitos, imagens e leituras*, Campo Grande, MS, Life Editora, 2020, pp. 441-470.

<sup>50</sup> Dockhorn, Vera Lúcia Nowotny, *O ensino da Guerra do Paraguai através das Imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura como fonte de ensino*, Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTORIA), Campus da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2020.

<sup>51</sup> Mattos Messias, Yara Karolina Santana de, *A guerra do Paraguai / guerra Guasu a partir de histórias em quadros, aulas oficina e de uma mirada comparada (Brasil e Paraguai)*, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais Curso de Mestrado Aquidauana, MS, Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, 2022.

<sup>52</sup> Squinelo, Ana Paula, “150 anos depois: narrativas históricas de jovens estudantes brasileiros/as sobre a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu a partir das aulas de História”, in *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Vol. 39, 2 (2021), pp. 153-185.

<sup>53</sup> Sansón Corbo, Tomás, “La historiografía uruguaya sobre la Guerra de la Triple Alianza. Trayectos, tradiciones, resignificaciones?”, *Diálogos*, 19 (2015), Maringá, pp. 955-979.

<sup>54</sup> Telesca, Ignacio, “La guerra en la escuela. Textos de lectura y celebraciones escolares en el Paraguay em fins del XIX y inicios del XX”, *Folia Historica del Nordeste*, 24 (2015), pp. 131-150.

<sup>55</sup> Velázquez Seiferheld, David, “Hacer aprender a los niños de memoria todos los artículos concernientes a ellos... Um reglamento de escuela de primeiras letras de tiempos de Francisco Solano López (Paraguay, 1864)”, in Squinelo, Ana Paula e Telesca, Ignacio (coords.), *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*, Vol. 3, Campo Grande, MS, Ed. Life, 2019, pp. 435-458. Velázquez Seiferheld, David, “Los libros escolares en el Paraguay hasta 1955”, *La Nación*, 21 de junio de 2020.



marcados na historiografia sobre a Guerra são analisados sobretudo para verificar se, em alguma medida, essas discussões começam a ser incorporadas nas Coleções Didáticas de História.

#### 4. As Coleções Didáticas de História do PNL D/2024: seleção, categorias e análise

A aquisição e distribuição dos Livros Didáticos têm importância inegável para a educação brasileira. Segundo Cassiano, no período de 1970 até a década de 1990, editoras como Moderna, Saraiva, Scipione se destacavam sobretudo por serem editoras nacionais, exceto a FTD (Frère Théophane Durand) de origem francesa, pertencente à ordem religiosa dos irmãos Maristas. Quando a gestão dessas companhias passa a pertencer em parte ou totalmente a grupos estrangeiros, o panorama das práticas comerciais começa a mudar<sup>56</sup>. Além das disputas por grandes fatias no mercado dos didáticos, essas editoras se caracterizam como grupos de destaque nesse segmento nas últimas décadas<sup>57</sup>. Editoras como Moderna, FTD, Scipione e Saraiva passaram a dominar o mercado editorial dos Livros Didáticos e a terem suas Coleções aprovadas frequentemente nos Editais do PNL D.

Essa predominância editorial pode ser averiguada no recorte que realizamos para a análise do tema proposto. Para isso, selecionamos 8 (oito) das 14 (quatorze) Coleções Didáticas aprovadas, levando em consideração alguns critérios: 1) diversidade de Editoras; 2) autoras e autores com e sem projeção nacional do ponto de vista da academia e, 3) aceitação e adoção da Coleção Didática no cenário nacional. Após a definição do *corpus* documental, procedemos à identificação do conteúdo Guerra do Paraguai/Guasu no interior de cada Coleção Didática, assim como a identificação da edição, editora, ano e cidade. Tais informações foram sistematizadas no Quadro 1.

	<b>COLEÇÃO DIDÁTICA</b>	<b>AUTORES/AS</b>	<b>ED.</b>	<b>CIDADE/ EDITORA</b>	<b>ANO</b>
<b>1</b>	A Conquista - História	Gislane Campos Azevedo Seriacopi Leandro Calbente Câmara Reinaldo Seriacopi	1ª ed.	São Paulo FTD	2022
<b>2</b>	Araribá conecta história	Maria Clara Antonelli (editora responsável)	1ª ed.	São Paulo Moderna	2022
<b>3</b>	Expedições da história	Gilberto Cotrim Jaime Rodrigues	1ª ed.	São Paulo Moderna	2022

<sup>56</sup>Cassiano, Célia Cristina de Figueiredo, *O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Tese de Doutorado, 2007.

<sup>57</sup>*Ibidem*, pp. 157-158.

4	História.doc	Ronaldo Vainfas Jorge Luiz Ferreira Sheila Siqueira de Castro Faria Daniela Buono Calainho	3ª ed.	São Paulo Saraiva Educação S.A.	2022
5	História sociedade & cidadania	Alfredo Boulos Júnior	1ª ed.	São Paulo FTD	2022
6	Jovem Sapiens	Adriana Machado Dias Keila Grinberg Marco Pellegrini	1ª ed.	São Paulo Scipione	2022
7	Se liga na História	Patrícia Ramos Braick Anna Barreto	1ª ed.	São Paulo Moderna	2022
8	Viver história com Leandro Karnal	Leandro Karnal Felipe De Paula Góis Vieira Luiz Estevam De Oliveira Fernandes Isabela Backx Marcelo Abreu	1ª ed.	São Paulo Moderna	2022

**Quadro 1.** Relação das Coleções Didáticas de História aprovadas no PNLD/2024 e selecionadas para esta análise. **Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2024.

Ante o apresentado no Quadro 1, destacamos o fator em comum entre as editoras de que todas estão situadas no estado de São Paulo/SP. Das oito Coleções, a maioria foram produzidas por coletivos de autores, apenas a Coleção 5 foi assinada por um único autor. A Coleção 3 já está no mercado editorial há décadas. Entre os/as autores/as alguns historiadores/as de projeção nacional aparecem como autores/as de Livros Didáticos.

Para a compreensão da análise que realizamos do *corpus* documental selecionado, informamos que o volume estudado foi o do 8º ano das séries finais do Ensino Fundamental, pois é nesse volume que se encontra o conteúdo sobre a Guerra do Paraguai/Guasu. Registra-se ainda que o conteúdo é abordado no 2º semestre, especificamente no 3º bimestre de cada ano letivo. Explicita-se também que os volumes analisados são os destinados ao uso do/a professor/a —o Manual do Professor— isto é, aqueles que contêm as Orientações didáticas, respostas e sugestões de respostas às questões e atividades propostas a/ao aluna/o, assim como indicação de materiais extras, que podem subsidiar o trabalho do/a professor/a, como recomendação de livros, textos acadêmicos, filmes, poesias, HQs etc.

Salientamos também que nossa investigação sobre o conteúdo da Guerra se concentrou na análise do que denominamos de texto principal no Livro Didático, isto é, o texto que via de regra ocupa o “centro” da página do conteúdo e é impresso em cor preta e que geralmente é aquele trabalhado pelo/a professor/a, pois apresenta e desenvolve o assunto a ser abordado em sala de aula. Cabe informar que o texto principal nem sempre é produzido pelo/a autor/a que assina a Coleção Didática e, por muitas vezes, configura-se em uma síntese da leitura de pesquisas de vários/as autores/as sobre o tema em tela. Em geral, o texto principal vem acompanhado de excertos complementares, aprofundando determinado assunto ou trazendo alguma informação que não foi abordada no texto principal, em regra inseridos em um quadro

normalmente colorido, são os Box ou Seções. Além dos textos complementares, os manuais dos/as professores/as também são acrescidos de orientações e sugestões de leitura que constam às margens do texto principal, destinados a contribuir com o trabalho.

Delineadas e esclarecidas tais questões, procedemos à identificação do conteúdo da Guerra nas Coleções Didáticas de História, localizando o Capítulo, título e subtítulos, conforme sistematizado no Quadro 2.

FORTE	ANO	CAPÍTULO	CONTEÚDO: GUERRA DO PARAGUAI/GUASU
<b>Coleção 1</b>	8º	Capítulo 9	A Guerra do Paraguai e o fim da escravidão <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fronteiras em disputa</li> <li>- O desenvolvimento do registro fotográfico</li> <li>- O início da guerra</li> <li>- O confronto envolve mais países</li> <li>- Impactos para o Brasil</li> <li>- Diferentes interpretações</li> <li>- Olho Vivo - O povo é o herói</li> <li>- O Exército brasileiro</li> <li>- Os Voluntários da Pátria</li> </ul>
<b>Coleção 2</b>	8º	Capítulo 16	O Segundo Reinado <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Guerra do Paraguai (1864-1870)</li> <li>- Resultados do conflito</li> <li>- Em debate - Versões da Guerra do Paraguai</li> </ul>
<b>Coleção 3</b>	8º	Capítulo 9	Guerra e abolição <ul style="list-style-type: none"> <li>- Do apogeu à guerra</li> <li>- A Guerra do Paraguai</li> <li>- Consequências da guerra</li> <li>- Versões sobre a Guerra do Paraguai</li> </ul>
<b>Coleção 4</b>	8º	Capítulo 10	No Brasil, escravidão e monarquia em crise <ul style="list-style-type: none"> <li>- A monarquia e a Guerra do Paraguai</li> <li>- O início do conflito</li> <li>- Os Voluntários da Pátria</li> <li>- O resultado da guerra</li> </ul>
<b>Coleção 5</b>	8º	Capítulo 11	Segundo Reinado: política, economia e guerra <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Guerra do Paraguai</li> <li>- Consequências da guerra</li> </ul>
<b>Coleção 6</b>	8º	Capítulo 9	O Segundo Reinado <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Guerra do Paraguai</li> <li>- Conflitos no Uruguai</li> <li>- A intervenção do Brasil no Uruguai</li> <li>- O início da guerra</li> <li>- O fim da guerra e as consequências</li> <li>- Diferentes versões sobre a Guerra do Paraguai</li> </ul>
<b>Coleção 7</b>	8º	Capítulo 8	O Segundo Reinado <ul style="list-style-type: none"> <li>- A Guerra do Paraguai (1864-1870)</li> <li>- Início do conflito</li> <li>- Desenvolvimento e desfecho da guerra</li> <li>- A Guerra do Paraguai para o Império Brasileiro</li> </ul>

<b>Coleção 8</b>	8º	Capítulo 11	O Segundo Reinado - Guerra do Paraguai - O conflito - A Tríplice Aliança - O saldo da guerra
------------------	----	-------------	--

**Quadro 2.** Identificação do Conteúdo Guerra do Paraguai/Guasu nas Coleções Didáticas de História utilizadas no Brasil pertinentes ao PNLD/2024 e selecionadas para amostra e análise referentes ao 8º Ano das Séries Finais do Ensino Fundamental. **Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2024.

Constatamos que parte das Coleções analisadas aborda o conteúdo da Guerra do Paraguai/Guasu, inserido nos Capítulos que tratam do tema do Segundo Reinado, marcado por um subtítulo e este por sua vez organizado em intertítulos. O conflito é frequentemente associado aos fatores que contribuíram para a crise do governo de d. Pedro II e aos acontecimentos favoráveis ao processo de abolição da escravidão no Brasil.

A média de páginas destinadas exclusivamente ao conteúdo da Guerra foi de quatro, sendo estas dedicadas ao texto principal, às imagens e aos boxes referentes à historiografia ou participação das mulheres na contenda. Cabe destacar os dois extremos, a Coleção 1, que dedicou nove páginas e as Coleções 7 e 8, com apenas duas páginas destinadas ao conflito.

<b>FONTE</b>	<b>ANTECEDENTES (CAUSAS) NARRATIVAS HISTÓRICAS</b>	<b>RESULTADOS (CONSEQUÊNCIAS) NARRATIVAS HISTÓRICAS</b>	<b>DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA (APRESENTA/NÃO APRESENTA) NARRATIVAS HISTÓRICAS</b>
<b>Coleção 1</b>	Principal causa: as questões geopolíticas. Segundo o texto havia preocupação com a demarcação das fronteiras entre as nações platinas, pois caso um dos países viesse a dominar a navegação pela bacia do Prata os demais poderiam ter seus interesses de navegação afetados. Nos antecedentes destaca-se a intervenção brasileira no Uruguai e a reação do Paraguai frente a ação do Brasil.	Para o Paraguai: cidades teriam sido destruídas assim como a economia do país; a população masculina teria sido dizimada e parte do território perdido. Para o Brasil: cerca de 50 mil soldados mortos e custos onerosos aos cofres públicos.	Esta obra apresenta um subtítulo específico para tratar das três vertentes historiográficas da guerra recorrentes no Brasil. E destaca que a versão apresentada pelo autor Doratioto em 2002 é a mais aceita. Menciona-se também a existência de versão distinta no Paraguai.
<b>Coleção 2</b>	Disputas pelo controle da Bacia do Prata. O Paraguai dependia dos rios para escoar seus produtos e o Brasil para a comunicação entre Rio de Janeiro e Mato Grosso. Estopim: intervenção do Brasil nas disputas políticas do Uruguai.	O Paraguai arcou com pesada dívida de guerra, teve parte do seu território anexado pelos países vencedores, a população teria sido dizimada a um quinto do total anterior ao conflito, suas indústrias e ferrovias teriam ruído. O Brasil teve em torno de 40 mil soldados mortos, foram contraídas pesadas dívidas, aumento da inflação, assumiu a maior parte das despesas do bloco.	Aborda-se que as pesquisas estão em permanente construção, portanto podem sofrer alterações. Para esta discussão os/as autores/as apresentaram três textos do historiador Boris Fausto para explicar as distintas narrativas da historiografia brasileira. E destacou-se que no Paraguai também existem narrativas sobre a guerra.

<b>Coleção 3</b>	<p>Questões de fronteira e disputas pelo controle da navegação dos rios.</p> <p>Como o Paraguai não tinha acesso ao mar, Solano López pretendeu conquistar uma saída para o mar.</p> <p>O estopim foi o aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda.</p>	<p>As consequências teriam sido as mortes cujo número não se sabe ao certo, mas historiadores afirmam que pode ter sido mais de 100 mil para ambos os lados.</p> <p>O Brasil anexou parte do território paraguaio; teve dívida aumentada e seu exército saiu mais fortalecido.</p>	<p>Os autores abordam o fato de a interpretação sobre a guerra ter mudado ao longo do tempo e apresentaram as diferentes interpretações no Brasil por meio de um texto historiográfico.</p>
<b>Coleção 4</b>	<p>Disputa pelo controle da navegação da bacia do rio da Prata. Discutiui-se a importância dos rios para o transporte de mercadorias e acesso ao oceano Atlântico; a necessidade de o Paraguai ter o acesso a um dos portos e a disputa entre Blancos e Colorados no Uruguai.</p>	<p>O Paraguai perdeu áreas do seu território para o Brasil e a Argentina; perda de parte da sua população estimando-se 75% dos homens. O Uruguai foi o menos atingido, tendo perdido em torno de 5 mil homens.</p> <p>A Argentina perdeu 30 mil homens. O Brasil perdeu 50 mil homens. Brasil e Argentina tiveram enormes gastos.</p> <p>Cresceu a oposição ao governo do império brasileiro. Concluiu-se que todos saíram perdendo.</p>	<p>Não foi discutido.</p>
<b>Coleção 5</b>	<p>Disputa pela livre navegação dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e da Prata; pelas terras férteis e de pastagens; pela hegemonia política na região do Prata.</p>	<p>O Paraguai perdeu a maior parte de suas indústrias, 140 mil quilômetros quadrados de seu território e mais de 200 mil pessoas. O Brasil incorporou vastos territórios, garantiu a ligação fluvial com o sul do Mato Grosso e manteve a liderança na região platina. Mas, teriam morrido, de acordo com fontes oficiais, 23.917 pessoas; há pesquisas, porém, que estimam até 100 mil. A dívida externa brasileira cresceu, por causa dos empréstimos tomados dos banqueiros ingleses.</p>	<p>Apresentou-se um texto do historiador Francisco Doratioto e outro do jornalista Julio José Chiavenato com versões/explicações distintas sobre a Guerra, seguidos de questões para os alunos e as alunas interpretarem.</p>
<b>Coleção 6</b>	<p>Disputa pela livre navegação dos rios da Bacia do Prata. Intervenção brasileira na política uruguaia.</p> <p>Apreensão do Marquês de Olinda, navio brasileiro, pelo governo paraguaio.</p>	<p>Para o Paraguai, destacou que o país ficou arrasado com a Guerra, tendo um número significativo de sua população dizimada, além de perder os territórios litigiosos para o Brasil e a Argentina.</p>	<p>Em um Item intitulado As diferentes versões sobre a Guerra do Paraguai são apresentadas as três vertentes historiográficas que marcam o processo historiográfico acerca do tema no Brasil. Destacam os autores Francisco Doratioto e Ricardo Salles na última vertente.</p>
<b>Coleção 7</b>	<p>Localização geográfica do Paraguai em relação aos países que formaram a Tríplice Aliança.</p> <p>A intervenção do Brasil no Uruguai, fazendo o Paraguai se sentir ameaçado.</p> <p>“Invasão” paraguaia na Província de Mato Grosso.</p> <p>Aprisionamento de um navio brasileiro no rio Paraguai.</p>	<p>Para o Brasil registra-se o número excessivo de mortos, gastos imensos e endividamento externo.</p> <p>O Paraguai ficou arrasado ao final da guerra, perdeu os territórios litigiosos para Brasil e Argentina, e a população masculina foi dizimada.</p> <p>Além de ser obrigado a pagar indenizações ao final da guerra.</p>	<p>Foram sintetizadas as três vertentes historiográficas que marcam o debate no Brasil.</p>

<p><b>Coleção 8</b></p>	<p>Aponta as disputas na região das fronteiras da bacia do Rio da Prata, envolvendo países como Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Apreensão pelo Paraguai de um navio brasileiro que navegava o rio Paraguai.</p>	<p>Para o Brasil ressaltou-se o número de mortos no conflito, os gastos excessivos, a afirmação política regional do Estado brasileiro, a conquista da livre navegação na região platina, o fortalecimento dos militares, a disseminação das ideias abolicionistas e o fato de ter contribuído também para o fim da monarquia. Para a Argentina e o Uruguai: número significativo de mortos. Para o Paraguai aponta-se que 50% da população morreu ao longo da guerra; destruição da economia paraguaia; perda dos territórios litigiosos ao fim da guerra.</p>	<p>Somente nas orientações e ao professor e à professora que constam às margens do texto principal. Indica-se a obra Maldita Guerra de Francisco Doratioto destacando que analisa diferentes interpretações da Guerra do Paraguai e refuta a tese de que os países envolvidos no conflito foram uma espécie de joguete nas mãos do Reino Unido. Os dados numéricos apresentados sobre o número de mortos e gastos durante o conflito ancoram-se em autoras e autores contemporâneos, como por exemplo: Lilia Schwarcz, Heloísa Starling, Boris Fausto e Francisco Doratioto.</p>
-------------------------	--	---	--

**Quadro 3.** Narrativas históricas - como as Coleções Didáticas explicam os antecedentes (causas) e os resultados (consequências) pertinentes ao conteúdo Guerra do Paraguai/Guasú e se apresentam ou não a discussão historiográfica acerca do tema. **Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2024.

Analizamos que os autores e autoras, ao tratar nos textos didáticos sobre os antecedentes e as motivações do conflito, pautaram-se na historiografia neorrevisionista na medida em que buscaram definir como causas da Guerra as disputas de fronteiras, as disputas pela livre navegação na Bacia Platina e a falta de acesso ao mar pelo Paraguai. E como causa imediata abordou-se a intervenção do Brasil na política uruguaia.

Percebe-se um esforço em esclarecer as causas do conflito sob a ótica das pesquisas recentes, no entanto essa pode ser uma tarefa complexa, tendo em vista as várias motivações dos envolvidos: consolidação de fronteiras considerando áreas litigiosas entre Brasil e Paraguai e entre Paraguai e Argentina; a busca pela livre navegação nos rios platinos pelo Brasil, que necessitava acessar a província de Mato Grosso, e pelo Paraguai, que pretendia garantir seu comércio exterior pelo porto de Montevideú; a intenção da Argentina, liderada por Buenos Aires, em manter a unidade territorial e política sobre suas províncias, especialmente as do norte.

Em geral, as obras buscaram dar maior enfoque nas disputas pela livre navegação, ficando a problemática fronteiriça em segundo plano, sendo apenas citada ou sem ser abordada, conforme é possível acompanhar no Quadro 3.

Também foi frequente a menção da intervenção do Brasil na política interna do Uruguai, de modo a contemplar a narrativa defendida pela historiografia atual. A exceção foi a Coleção 3, que não mencionou a crise interna uruguaia e a interferência do Brasil no seu curso. Desse modo, quando os/as autores/as mencionam que Solano López, presidente do Paraguai, num certo momento decidiu conquistar uma saída para o mar, e na sequência citam a aprisionamento

do navio brasileiro pelas autoridades paraguaias, cria-se a ideia de que o Paraguai foi o único culpado pelo conflito.

De outra parte, a Coleção 5 abordou a intervenção do Brasil no Uruguai de forma indireta, não ficando clara a associação desse episódio com a eclosão do confronto bélico. A Coleção 8, por sua vez, apresentou uma narrativa desordenada, abordando primeiramente que o presidente Venancio Flores do Uruguai havia fechado o porto de Montevideu para o Paraguai e após menciona que Flores ascendeu ao poder devido à interferência do Brasil no Uruguai, fato esse que teria motivado López a apreender o navio brasileiro.

Em contrapartida, a Coleção 7 apresentou uma narrativa fluída, sem lacunas ou expressões desconectadas ao abordar os fatos. Tratou da problemática do Paraguai quanto a necessidade da livre navegação platina e de como a interferência do Brasil no Uruguai ameaçava essa necessidade, da mesma forma as ações do Paraguai em aprisionar o navio brasileiro e ocupar parte do Mato Grosso ficam claramente ligadas a ação do Brasil no Uruguai.

No tocante aos resultados do conflito, parte das Coleções se concentraram em mencionar as consequências para o Brasil e para o Paraguai. Em geral são elencados o número de mortos de ambos os países, por vezes apresentando dados controversos, como os da Coleção 2, que menciona a população do Paraguai ter sido dizimada a um quinto do total anterior ao conflito. Outros pontos frequentemente anunciados foram os territórios perdidos pelo Paraguai e, com relação ao Brasil, os altos custos, dívidas e inflação, o fortalecimento do exército e a crise da monarquia.

Na Coleção 6, houve maior enfoque na perda territorial do Paraguai, os/as autores/autoras apresentaram um trecho historiográfico adaptado e um mapa, onde se ilustra e discute a perda territorial do Paraguai para os Aliados.

As consequências do conflito para o Uruguai e a Argentina ficaram restritas às Coleções 4 e 8, com informações a respeito do número de mortes, conforme se verifica no **Quadro 3**.

Destacamos ainda que, nas Coleções 2 e 5, verificamos a menção de que no Paraguai as indústrias e ferrovias teriam ruído (Coleção 2), e que o Paraguai perdeu parte de suas indústrias (Coleção 5). Sem que haja um esclarecimento do que viriam a ser essas indústrias, corre-se o risco de cair na interpretação de um Paraguai industrializado, fato esse desmistificado pela historiografia neorrevisionista, que menciona uma economia rudimentar e de modernização incipiente.<sup>58</sup>

Ainda na Coleção 5, observou-se uma ênfase dada às vantagens que o Brasil obteve com a Guerra, como a incorporação de vastos territórios, a garantia de ligação fluvial com o sul da província de Mato Grosso e a manutenção da liderança na região platina.

---

58 Encabeçam os estudos que apontam para uma economia paraguaia rudimentar, no contexto que antecede a guerra, os autores Bandeira e Doratioto. Bandeira, Moniz, *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata...*, op. cit., 1995; Doratioto, Francisco, *Maldita Guerra...*, op. cit., 2002.

Quanto à discussão historiográfica, constatamos avanços na maioria das Coleções em questão. Salientamos que somente a Coleção 4 não fez qualquer menção às diferentes narrativas da Guerra. As Coleções 1 e 6 incorporaram a discussão no texto principal enquanto que as Coleções 2, 3, 5, e 7 apresentaram textos complementares em formato de Box ou Seções, por fim a Coleção 8 trouxe a abordagem somente nas orientações ao/a professor/a.

Apesar dos avanços historiográficos nos textos didáticos, é possível inferir que ainda carecemos da inclusão dos/as múltiplos/as sujeitos/as da Guerra nos Manuais. Mulheres, homens negros e pardos, escravizados, crianças e indígenas vêm sendo visibilizados/as por meio de diversas pesquisas nas últimas décadas, conforme mencionamos anteriormente, entretanto ainda é tímida a sua abordagem nos Livros Didáticos.

Foram citados, com maior constância, os personagens políticos masculinos, especialmente o nome de Solano López, nas Coleções 2 e 5, associado à palavra Ditador. Duque de Caxias e Conde d'Eu, por muito tempo citados como heróis nacionais, perderam espaço nos textos, e, em contrapartida, estão sendo incluídos nomes como Venancio Flores e Anastácio Aguirre.

Quanto aos/às diversos/as sujeitos/as que estão sendo visibilizados/as pela atual historiografia da Guerra, identificamos os homens negros e escravizados como sendo os mais mencionados: das oito Coleções analisadas, cinco os citam. São explicações sucintas, e o enfoque é dado aos escravizados que lutaram na Guerra e à liberdade que foi prometida a eles. Verificamos também a associação da participação dos escravizados na Guerra ao tema do abolicionismo, os/as autores/as ressaltam a importância da participação dos escravizados no conflito para o fomento de questionamentos sobre a continuidade da escravidão no país. A exemplo da Coleção 8, que aborda a questão da presença negra livre e escravizada no contexto após o fim da Guerra e registra que “A disseminação das ideias abolicionistas estava relacionada também ao contexto da Guerra do Paraguai...”<sup>59</sup>.

A menção à participação das mulheres, crianças e indígenas na contenda foi menos frequente nas Coleções analisadas. Destacamos a Coleção 1 como sendo a que abordou o maior número de sujeitos/as no seu texto principal, identificamos os homens negros e escravizados, os indígenas, as mulheres e as crianças. Os/as sujeitos/as mais discutidos nessa Coleção foram os homens negros e os escravizados, estes foram abordados no texto principal e nas orientações ao/a professor/a, onde foi incluído um trecho da historiografia atual.

As mulheres ganharam maior enfoque na Coleção 3, onde os autores abordaram no texto principal o papel dessas na Guerra, cuidando dos doentes, cozinhando e preparando artilharia. Foram citadas também mulheres que tiveram algum destaque: Florisbela, Maria Curupaiti, Jovita Feitosa e Ana Néri. E nas orientações ao/a professor/a, foi incluído um texto historiográfico.

<sup>59</sup> Karnal, Leandro et al., *Viver História com Leandro Karnal: 8º ano*, São Paulo, Moderna, 2022, p. 233.



Nas Coleções 2 e 5, a participação das mulheres e os papéis por elas desempenhados foram discutidos em textos complementares. E, por fim, a Coleção 6 trouxe a mulher somente nas orientações ao/a professor/a, com um recorte de texto da historiografia atual.

As crianças e os indígenas foram os/as sujeitos/as menos mencionados/as. Destacamos a Coleção 6 quanto à abordagem das crianças, pois nela verificamos uma discussão, mesmo que breve, da Batalha de Acosta Ñu, onde se lê que “Em um dos episódios mais dramáticos da guerra, a batalha Acosta Ñu, de 16 de agosto de 1869, milhares de crianças e adolescentes paraguaios enviados por Solano López foram mortos nos campos de batalha pelo Exército Brasileiro”<sup>60</sup>. E para complementar essa explicação, foi incluído um parágrafo extra nas orientações ao/a professor/a no qual se explica que no Brasil a batalha de Acosta Ñu é conhecida como batalha de Campo Grande, sendo um dos símbolos mais cruéis da Guerra protagonizada por crianças e adolescentes paraguaios, informa ainda que o dia 16 de agosto no Paraguai acabou se tornando no Dia das Crianças em homenagem às crianças mortas no conflito.

A participação dos indígenas apareceu no texto principal somente da Coleção 1 [fig. 2], onde a autora e os autores destacam que “Indígenas de diversos povos —como os terena, os kadiwéu, os kayapó e outros— também participaram da Guerra. Entre outras tarefas, abriam trilhas no meio da mata, faziam reconhecimento de território e pegavam em armas”<sup>61</sup>. Outras menções aos sujeitos indígenas encontramos apenas na Coleção 8, entretanto ressaltamos que tal Coleção não trata da questão indígena no texto principal, mas sim nas orientações destinadas ao/a professor/a.

No tocante à iconografia, averiguamos disparidades entre os Manuais no que tange à quantidade de imagens e a forma como foram apresentadas no texto. A Coleção 1 foi a que melhor fez uso das imagens ao longo de toda a narrativa, procurando explorar suas informações e propondo atividades de análise e interpretação.

No total, a Coleção 1 apresentou oito imagens, sendo a Coleção com maior quantitativo iconográfico referente a Guerra, entre elas três fotografias. Verificamos que a autora e os autores, ao longo do texto, realizaram diferentes discussões por meio das imagens, chamando a atenção do/da estudante sobre a presença de homens negros no conflito [fig. 1], ressaltando as penúrias da guerra e propondo questões de interpretação de imagens.

<sup>60</sup> Dias, Adriana Machado et al., *Jovem Sapiens História: 8º ano*, São Paulo, Scipione, 2022, p. 244.

<sup>61</sup> Seriacopi, Gislane Campos Azevedo et al., *A conquista história: 8º ano*, São Paulo, FTD, 2022, p. 246.



► A guarda pessoal de Caxias, durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), era formada apenas por negros. Fotografia sem local e data registrada; autoria desconhecida.

**Figura 1.** Soldados negros da guarda pessoal do comandante Caxias. Fonte: Coleção 1, p. 239.

O quadro Batalha do Avaí<sup>62</sup> foi detalhadamente explorado pela Coleção 1, tendo onze itens de sua imagem analisados. E, por fim, a fotografia de dois indígenas terena soldados<sup>63</sup>, posicionada ao lado da informação que trata da presença indígena na Guerra [fig. 2].

<sup>62</sup> *Ibidem*, pp. 244-245.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 246.



**Figura 2.** Indígenas soldados da Guerra do Paraguai/Guerra Guasu. Fonte: Coleção 1, p. 246.

Em contrapartida, a Coleção 7 apresentou somente duas imagens ao longo do texto e uma charge com questões na seção de atividades, e foi possível averiguar que não houve interação do texto com as imagens. A representação de La Paraguaia foi posicionada ao lado da discussão que trata das consequências da Guerra, nesse sentido foi utilizada para demonstrar a destruição e a desolação do pós-guerra, conforme é possível averiguar na legenda que a acompanha, onde lê-se: “[...] Nesta obra, o artista procurou representar a destruição e o desolamento causados pelo longo período de guerra”<sup>64</sup>.

Concluimos que ainda é recorrente na maioria das Coleções o uso de imagens com caráter ilustrativo, quando estas poderiam ser problematizadas contribuindo para estimular nos/nas estudantes as habilidades de análise e interpretação de imagens e a produção do conhecimento.

Na categoria das imagens, analisamos também os mapas. Este recurso imagético foi utilizado, sendo que à exceção da Coleção 8, todas as demais apresentaram mapas. Verificamos a sua funcionalidade no texto, a nitidez e as informações apresentadas. De modo geral, os

<sup>64</sup>Braick, Patrícia Ramos e Barreto, Anna, *Se liga na história, 8º ano*, São Paulo, Moderna, 2022, p. 157.

mapas apresentaram a zona de conflito com setas indicando as ofensivas e contraofensivas, áreas perdidas, anexadas ou pretendidas.

Constatamos com frequência o uso de expressões que indicam uma parcialidade com relação à contenda. As Coleções 1, 2, 3 e 7 apresentaram alguma informação indicando essa parcialidade como o uso das palavras “invasão” e “ofensiva” somente para o Paraguai, enquanto que aliados aparecem na posição de contraofensiva. Outro aspecto analisado é o uso das expressões “território mato-grossense pretendido pelo Paraguai”<sup>65</sup> ou “território brasileiro pretendido pelo Paraguai”<sup>66</sup> sem mencionar a situação de litígio com relação a tais territórios. Também se constatou o uso de “territórios ocupados pelo Brasil” e “territórios anexados pela Argentina”<sup>67</sup> sem deixar claro que o Brasil também anexou territórios e não apenas os ocupou.

Por outro lado, a Coleção 4 apresentou um mapa da hidrografia acompanhado de três questões de análise e levantamento de hipóteses que possibilitam ao/a estudante refletir sobre as problemáticas envolvidas no conflito. A Coleção 5 apresentou dois mapas, sendo o primeiro um mapa físico da região platina sem grande funcionalidade; o segundo, um mapa da região em conflito de autoria do historiador André Toral<sup>68</sup>, o qual avaliamos ser um mapa coerente em suas informações e utiliza as expressões “ofensiva” para ambos os lados em conflito e apresenta os territórios perdidos pelo Paraguai para o Brasil e a Argentina. E, finalmente, a Coleção 6 apresentou dois mapas funcionais, sendo o primeiro focando na Bacia Platina e o segundo nas áreas perdidas pelo Paraguai para o Brasil e a Argentina.

## 5. Conclusão

Averiguamos que, sobretudo nas últimas quatro décadas, o conteúdo Guerra do Paraguai/ Guasu tem perdido espaço nas narrativas didáticas brasileiras, isso se reflete no exíguo número de páginas e/ou até mesmo em poucos parágrafos nos quais o conteúdo é apresentado a/ao estudante. Concluímos que o assunto, que até meados da década de 1960 por vezes figurava como um extenso Capítulo como na obra de Rocha Pombo, na atualidade figura com um subitem a ser estudado num contexto maior que se refere ao Capítulo que aborda a questão do Segundo Reinado no Brasil.

Aventamos algumas hipóteses para esse “enxugamento” e elas se relacionam com as guinadas no próprio fazer histórico e nas escolas historiográficas. Assim, do crescente interesse

<sup>65</sup> Seriacopi, Gislane Campos Azevedo et al., *A conquista história...*, op. cit., p. 241.

<sup>66</sup> Cotrim, Gilberto e Rodrigues, Jaime, *Expedições da história, 8º ano*, São Paulo, Moderna, 2022, p. 185.

<sup>67</sup> Braick, Patrícia Ramos e Barreto, Anna, *Se liga na história...*, op. cit., p. 256.

<sup>68</sup> O mapa apresentado pela Coleção 5 apresenta como fonte: Toral, André, “Guerra no Mercosul”, *Superinteressante*, São Paulo, Ano 13, 9 (1999), pp. 32-41, p. 3.

em torno da História Cultural, dos Estudos Culturais e das perspectivas pós-coloniais e decoloniais emergiram outros interesses temáticos. Outra questão relaciona-se com o próprio Currículo Escolar, que ainda se esforça em abordar todos os conteúdos da História Quadripartite, da História da América e da História do Brasil.

Ressaltamos, entretanto que os eixos explicativos das causas que levaram ao conflito platino passaram a ser abordados de forma mais múltipla, contemplando o contexto histórico peculiar e particular que envolvia os países platinos. Nesse sentido, mesmo que as narrativas ainda se calquem em uma explicação de causas-consequências, permitem que a/o estudante explore os diversos e diferenciados interesses que marcaram o processo histórico de cada país.

Destaca-se também que diferenciadas fontes, como, por exemplo, quadro, mapas, charges, fotografias, entre outras, foram incorporadas nas narrativas didáticas, permitindo que a/o estudante tenha contato com uma perspectiva crítica e diferenciada da análise do conteúdo. Nesse caso registramos que o papel do/a professor/a é fundamental como mediador/a nas atividades que envolvem tais fontes, utilizando-as como documento e não apenas como ilustração do conteúdo da Guerra.

Em relação a terminologia do conflito, ainda não há um consenso nas narrativas, o que ao nosso ver reflete os incômodos historiográficos acerca desse quesito em especial. Guerra do Paraguai e Guerra da Tríplice Aliança são as terminologias referenciadas nos textos.

Duas questões que nos causam certo espanto referem-se ainda ao uso do termo Ditador ao se referir a Francisco Solano López, termo utilizado de forma genérica e sem explicação do que isso significava no Paraguai e no século XIX, e a permanência da afirmação de que o Paraguai invadiu as terras mato-grossenses, quando ao nosso ver é uma incoerência, pois as terras eram litigiosas, sendo assim acreditamos que o termo que traduz a ação efetivada pelos paraguaios é ocupação.

No que tange à abordagem das/os diferenciadas/os sujeitas/os protagonistas da Guerra, notamos um pequeno avanço: mesmo que de forma modesta algumas das Coleções analisadas, conforme demonstrado nesta pesquisa, abordam a questão da participação das mulheres, negros livres e escravizados, indígenas e crianças no *front* de batalha.

Para concluir, e não menos importante, destacamos que as Coleções Didáticas se preocuparam em apresentar as vertentes historiográficas existentes no Brasil sobre o tema da Guerra. Em menor ou maior grau, no texto principal ou nas orientações didáticas a discussão está presente e tal fato asseveramos que é resultado do trabalho sério, atento, indagador e exigente de historiadoras/es brasileiras/os que se dedicam em especial ao tema de como a Guerra do Paraguai/Guasú é abordada nas narrativas didáticas e como é ensinada. Era uma cobrança assídua e de longos anos dos profissionais da área que os estudos e avanços acadêmicos acerca do tema chegassem à sala de aula. Nesse sentido, reforçamos a importância de pesquisas como esta que ora apresentamos. São elas que movem o conhecimento histórico e a realidade escolar.